

Via Latina Ad Libitum

ENTREVISTA

marionet apresenta a Humanidade artificial

INÍCIO

ENTREVISTA

CRÍTICA

OPINIÃO

AGENDA

HISTÓRIA

COLABORA!



MARIONET APRESENTA A HUMANIDADE ARTIFICIAL

21 DE JULHO DE 2011 POR EVA QUEIROZ DE MATOS, COM CAROLINA SILVA | FOTOS POR FRANCISCA MOREIRA E EVA QUEIROZ DE MATOS | MANIPULAÇÃO GRÁFICA POR CAMILO SOLDADO

2 *Cyborgs num Quarto Vazio* explora a relação entre as extensões do nosso corpo, oferecidas pela tecnologia, e a sua influência das relações quotidianas. A **marionet**, companhia que nos habitua à ponte entre arte e ciência, apresenta a sua nova produção no Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV). Hoje, 21, e até ao próximo sábado, Ricardo Vaz Trindade e Costanza Givone sobem ao palco, sempre às 21h30. Uma estreia que dura três dias – não, não é engano, referimo-nos à de Alexandre Lemos na encenação; há nove anos na companhia, como actor, fala-nos agora da sua produção

Não há texto, certo? De onde partem? A própria improvisação terá de ter uma base.

Não conhecemos o texto com que vamos chegar a palco quando começamos a ensaiar. O que não é a mesma coisa que dizer que não resulta um texto do processo de ensaios. Esta forma é muito próxima daquilo que em teatro contemporâneo se chama “devising theatre”, uma estratégia de construção teatral na qual os ensaios são o momento da escrita, de criação por excelência. Numa abordagem mais clássica, o texto com que se vai trabalhar foi escrito num ambiente perfeitamente externo ao da encenação e da montagem do espectáculo, cabendo depois ao encenador fazer essa ponte: propor desafios, gerir a improvisação e tentar canalizá-la no sentido de uma obra. Inevitavelmente desenvolvem-se muitas cenas que acabam por não chegar ao palco, porque não encaixam com o resto da peça, não constroem uma obra una. O processo é, em boa parte, uma variação da forma como a marionet trabalha e há uma grande mudança porque é a primeira encenação feita por alguém que não o Mário Montenegro, director artístico da companhia.

ÚLTIMAS ENTREVISTAS

- [marionet apresenta a Humanidade artificial](#)
- [O bandido fugiu](#)
- ["O nosso disco, o dos amigos e o dos profissionais"](#)
- [Conheces Joe Black?](#)
- [Explode\(m\) após sete anos](#)

VIA LATINA

Morada:

Revista Via Latina
- Fórum de Confrontação de Ideias
Secção de Jornalismo da Associação
Académica de Coimbra
R. Padre António Vieira, nº 1, 2º piso
3000 - 315 Coimbra, Portugal

Direcção:

Directora: Eva Queiroz de Matos
Directores-adjuntos: Vasco Batista e Telma Rodrigues

Contactos:

239 821 554
via.latina@gmail.com

Quando começaram a pensar esta peça? Houve alguma experiência, ou um acontecimento não directamente ligado a vós, que tenha incentivado o debruçar sobre este tema?

Partimos de uma pequena pauta que escrevi. É aí que explico à equipa o porquê de estabelecer a ponte entre o desenvolvimento do ser humano em direcção a um híbrido de humanidade e tecnologia (o cyborg) e a sensação de vazio – que para além de não nos abandonar, se torna mais profunda, abissal, conforme estamos cada vez mais estendidos tecnologicamente. Isto é um paradoxo bastante forte; seria de esperar que a melhoria das tecnologias nos fizesse sentir mais preenchidos, acompanhados, menos vazios.

O que consta nessa pauta?

Não é um texto absoluto, incluía os conceitos essenciais e algumas referências do trabalho de outros artistas e pensadores. Depois foi complementada com pequenas listas de obras. Livros, filmes e textos que podiam ajudar a levar a criação numa direcção que me parecia interessante. A partir daí construímos um pequeno ecossistema de ideias, o que na improvisação permitiu pegar já em pontas soltas.

Quando começaram a trabalhar na peça?

As primeiras coisas com ligação a esta peça são de 2008 ou 2009. Nessa altura eram apenas sobre o vazio, não tinham a componente dos cyborgs. Não quer dizer que tenha estado sempre a trabalhar nisto. A equipa, no seu total, trabalha na peça há cerca de três meses e meio.

Quanto às mensagens que o público poderá extrair, que pistas adiantas?

Vão encontrar dois intérpretes num lugar vazio onde, diz o prólogo da peça, os cyborgs são treinados para não ser reconhecidos quando estiverem entre nós. Um espectador, num ensaio, achou que tínhamos criado um espaço muito vazio, árido, e depois o tínhamos preenchido com um frenezim desesperado, de quem tenta preencher o vazio e não consegue. Estão em cena muitas camadas de obra. Prefiro pensar em algo aberto à interpretação dos espectadores.

E que espectadores poderão ser esses? É um espectáculo dirigido?

Os criadores têm sempre a ilusão de dizer que os seus espectáculos são para todas as pessoas, que, desde o Papa ao Rei Leão, todos se iriam divertir muito. Tenho a pretensão de achar que estou a trabalhar para mim, para quem está à procura da mesma coisa que eu quando vou ao teatro. Coisas novas, que tenham uma linguagem mais próxima do que propriamente o são as linguagens clássicas do teatro, assuntos do meu quotidiano – por mais que goste do texto do Shakespeare, na minha vida não há romances de Romeu e Julieta. Daí que esta peça ande à volta da saturação de tecnologia, da grande transformação que sinto no meu corpo e no corpo das pessoas à minha volta, a um ritmo cada vez mais acelerado, e do efeito que isso tem nas nossas relações. Quer de uma forma mais romântica, quer num simples contacto.

Teatro de Bolso, do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC), Teatro-Estúdio do Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra (CITAC), Casa das Artes e Montemor-o-Novo: o que vos trouxe o ensaio em diversos espaços? Não é uma prática habitual, presumo.

Agrada-me muito a ideia de trabalhar em diversos sítios e extrair um bocadinho de cada um, mas isso não é a história toda. Montemor-o-Novo foi intencional: uma residência artística, um período de maior recolha da equipa em torno do objecto a criar. Mas o facto de termos variado entre a Casa das Artes, o TEUC e o CITAC teve a ver com as limitações que a Casa das Artes tem como sala de ensaios, para trabalhos mais físicos, de mais movimento. O TEUC e o CITAC têm sempre imensa disponibilidade para nos receber e salas de ensaios bastante melhores do que as que temos.

É um espectáculo móvel, então. Tencionam levá-lo a cena noutros locais?

Absolutamente. O espectáculo não foi construído para o TAGV. É uma sala importante para a cidade, para a história da marionet (na qual fez muitos espectáculos), para mim (que cresci em Coimbra) e para a minha formação. Nos próximos meses anunciaremos as novas datas de apresentação, noutras cidades e noutros países.

A apresentação no TAGV é símbolo de um maior apoio que tiveram da Direcção-Geral das Artes?

Não. O maior impacto que tem o apoio da DGArtes é na frequência com que podemos fazer o nosso trabalho. Neste caso, até numa frequência anormal. Estreamos agora o terceiro espectáculo de 2011 e até ao final do ano ainda estreamos um quarto. Essa sim é a consequência mais evidente. Por outro lado, começamos a poder responder positivamente aos convites para apresentar as peças noutros sítios – este ano estivemos em Berlim.

Efectuaram esta colaboração já com a nova direcção do TAGV?

Não. Reunimos pela primeira vez com o professor Fernando Matos Oliveira já muito próximo da estreia. Estou muito contente por o TAGV ter como novo director alguém que, até há pouco tempo, era responsável pela licenciatura em Estudos Artísticos. Alguém que conhece o meio teatral nacional e o teatro contemporâneo, mas também a universidade e a cidade. A forma como nos recebeu foi ótima mas não foi com ele nem com a sua equipa que nada foi acertado. Já o estava muito antes.

Sei que numa sessão do other data club discutiram a ideia de cyborg. O que ficou?

O Other Data Club é um espaço onde partilhamos ideias que, normalmente, não tem lugar na nossa vida. Um cientista tem um espaço para discutir a dispersão molecular e um espaço mais pessoal, tipo máquina do café, onde discute a telenovela e o primeiro dente do filho, mas em nenhum destes espaços cabe um livro de poesia que leu. O Other Data Club serve para isso e foi usado duas vezes nesta produção. Convidámos desde antropólogos a engenheiros especializados em robótica, com ideias muito diferentes do que é um cyborg. O cyborg foi pela primeira vez usado na conquista aero-espacial, numa estratégia diferente da arquitectónica -pôr cápsulas no espaço nas quais o homem consiga sobreviver. A estratégia cyborg pretende capacitar o Homem de extensões que lhe permitam sobreviver num ambiente adverso. Com a extensão do corpo conseguimos esbater muitas das limitações do ser humano. Aos artistas interessa discutir em que é que o ser humano se torna.

Como decidiram ou decidiste passar para a encenação? Que passo anterior o determinou?

Não me lembro de acordar e decidir ser encenador. Mas é mais ou menos natural, fruto da minha experiência, que quisesse, pelo menos, experimentar. Depois, não podia pedir melhor do que esta equipa. Pude fazê-lo como quis e não como os outros entendiam. Fui lentamente conquistando a possibilidade de desenvolver um espectáculo numa forma que não é corrente no teatro português. Isso aí já é um plural, é a marionet. Não foi uma decisão, parece-me um processo; tem a ver com o caminho que eu fiz dentro da companhia.

Ao longo da experiência, sempre te sentiste confortável? É para se repetir no percurso da marionet?

Sim (risos). Estou a rir-me porque a figura do encenador, frequentemente, tende a ser engrandecida, mas é uma função como as outras. Em princípio é para repetir. Já tenho outra encenação agendada para o início de 2012.

Podes falar-nos desse espectáculo?

É sobre nanotecnologia.

Por que escolheste trabalhar com estes intérpretes?

Já tinha trabalhado com o Ricardo, que também já trabalhou com a marionet. Tinha muita confiança nas capacidades dele. Gosto muito do que ele põe nas coisas, no quão criativo é e das dificuldades que, como ele diz, é capaz de criar a um encenador. Não se limita a ser um intérprete da vontade de outros. Para o intérprete feminino fiz um casting. A Costanza surpreendeu-me muito. Gostei muito do que vi dela, quer no casting, quer em vídeo. Além disso, apesar de ser relativamente nova, tem já um percurso muito interessante em teatro e em dança.

Essas valências da Costanza, em dança contemporânea e teatro com forte expressão corporal, estão evidenciadas nesta produção?

Sim. Todo o espectáculo, até pela dimensão abstracta que tem, recorre muito ao movimento. Faz diferença que um intérprete tenha qualidade, treino e experiência.

Quanto à banda sonora, como a caracterizas? O que motivou a escolha do Ghuna X?

(risos) O Pedro Augusto é mais conhecido por Ghuna X porque, como músico, é assim que assina na maior parte das vezes. Vou chamar-lhe Pedro porque me dá muito mais jeito. O Pedro é um grande amigo, que trabalhou pela primeira vez com a marionet na peça BCC – Blind Carbon Copy. Agradou-me muito e então fazia todo o sentido prolongar a colaboração.

O estilo musical do Pedro Augusto como Ghuna X é o que está presente na peça?

Sim. Andará próximo, espero que ele não me leve a mal dizê-lo; pode ter uma diferença de meia oitava, pode ficar incomodado (risos).

Já começa a ser hábito a presença da video-instalação nas vossas produções. É uma nova era do teatro ou constitui apenas uma marca da marionet?

A tecnologia e a forma como ela está presente são marcas fortes do nosso trabalho. E o vídeo é um reflexo mais evidente dessa tecnologia. Aqui sobretudo está a Laetitia Morais, a forma de expressão dela. São vídeos que funcionam na forma de realidade aumentada porque recorrem a sensores que os geram.

Que outras dimensões poderão caracterizar a peça? Cenografia? Figurinos?

Tudo resulta de um trabalho colectivo. Mas o trabalho da Joana Cardoso, da cenografia e dos figurinos, merece muito a visita. E, já que estamos a passar a equipa toda em revista, vale também a pena referir o trabalho de iluminação do Rui Simão, extraordinário. O que se vê em cada pormenor – na forma como a peça está iluminada, no cenário, no vídeo, na banda sonora – é a leitura que aquelas pessoas têm sobre a ideia que eu pus em cima da mesa. Depois, esperei pelas respostas.

